

**S**omos, a todo instante, bombardeados por inúmeros fatos e notícias que atestam o poder e a eficácia do mundo que gira em torno das drogas, que é, sem dúvida, um dos grandes problemas da atualidade. Mas não deixa de ser curioso que a atenção sempre recaia sobre a circulação, a movimentação e a engrenagem da droga. Não só as chamadas ilícitas. Na verdade, a circulação dos objetos (incluindo as drogas) está na ordem do dia. Essa ênfase sobre os objetos a serem consumidos ressalta um grande esquecido, numa omissão quase espantosa: a do sujeito consumidor, verdadeiro eixo da engrenagem social.

Este enfoque não chega a ser uma surpresa, não poderíamos esperar outra coisa de uma sociedade tão centrada na glorificação dos objetos. Pela sua ação direta e real no alívio das angústias e aflições, são estes objetos privilegiados, em torno dos quais é compreensível que se agreguem tantas polêmicas e omissões.

Assim, nada mais oportuno que os textos aqui apresentados se dediquem ao essencial: o sujeito – entre os tóxicos e as manias. Por “mania” entendam-se os muitos sentidos que a palavra comporta em nossa língua portuguesa: extravagância, gosto imoderado por alguma coisa ou o alvo deste desejo, euforia, mau costume, obsessão, etc. Tal pluralidade de acepções permite descortinar algumas das muitas formas de relação dos sujeitos com os objetos. O colecionador, o jogador, o consumidor contumaz, o toxicômano; cada um deles nos revela um modo de tentar ser ou possuir os objetos apresentados como desejáveis.

Enquanto psicanalistas, supomos que dentro do esquecimento reside um tesouro, e que na evocação do que foi omitido é que o discurso se torna pleno de eloquência. Lembremos aqui a fala de Mark, personagem principal do filme *Transpotting*: “As pessoas acham que têm a ver com desespero, morte, miséria. O que não se pode negar. Mas elas esquecem que há prazer nisto. Caso contrário, não faríamos. Afinal, não somos idiotas. Não tanto.”

Assim, se a nossa sociedade é de consumo, não se deve estranhar que nos tornemos escravos desses objetos. Seja pelo seu excesso, seja pela sua falta, o objeto está sempre à espreita, pronto para agarrar, dominar e derrubar o sujeito, e não deixa de haver gozo nisso.

Lacan no seminário *O Sintoma* lembra que o objeto *a* é absoluto, não encontra substituto. Está aí, talvez, o engano da lógica capitalista, pensar que é possível estabelecer a equivalência entre o objeto *a*, causa de desejo, e o objeto de consumo. À presente questão acrescenta-se outra: em que consiste a forma de gozo e que prazer é esse a que alude a frase de Mark?

Além disso, os artigos presentes neste número da nossa Revista evidenciam o quanto os psicanalistas precisam estar atentos às diversas interfaces que uma cura com pacientes adictos acarreta. Tem-se que dialogar com outras instituições, incluir outras práticas terapêuticas e aprender a lidar com questões políticas e judiciais. Ademais, a Psicanálise possui a difícil tarefa de se subtrair de uma ilusão – a do objeto palpável – que a cultura, a mesma que envolve a todos, não cessa de afirmar. Não esquecer que o sujeito é o protagonista constitui um passo na direção de reconhecer as determinações da cultura, sem deixar-se cegar pela mania dos objetos.